

A INTERSUBJETIVIDADE COMO BASE PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA EM FEUERBACH

Regiany Gomes Melo¹

Crítica à religião como base para superação da alienação religiosa: objetivação e conscientização do outro, como um outro eu, integrado ao gênero

Feuerbach em sua obra *A essência do cristianismo*, de 1841, almeja negar qualquer especulação absoluta, imaterial e auto-suficiente, ou seja, qualquer tipo de especulação que tira a sua matéria de si mesma². Ele promove uma crítica radical à teologia cristã ao demitologizar a essência verdadeira da religião: “O segredo da teologia é a antropologia”³. O sentido dessa afirmação consiste na tentativa de libertar o homem da alienação à qual ele próprio se submeteu, e, desse modo, torná-lo consciente de si e de sua realidade.⁴ Afirma Feuerbach:

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem⁵.

Para tanto, Ludwig Feuerbach desenvolve seu pensamento partindo do **homem** e de sua **essência genérica** (*Menschlichkeit*), complexo dinâmico de atributos do ser: A) razão, B) vontade e C) sentimento. Nesse complexo estrutural do ser essencial do homem, a tríade que se desvela e o define como tal, o autor denomina e elabora a configuração conceitual do **gênero** (*Gattung*), reunião de indivíduos que partilham a mesma essência dentro da unidade da consciência. Gênero e essência são conceitos que se complementam, e por diversas vezes se evidenciam como sinônimos no discorrer dos textos feuerbachianos. Vemos que “o gênero humano consiste no conjunto de predicados que definem, para cada indivíduo, as

¹ Mestranda do PPG em Filosofia da UFC. Estagiária Sandwich do PROCAD PUCRS-UFC. Bolsista CAPES.

² FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.20.

³ *Ibidem*, p.14.

⁴ *Ibidem*, p.14.

⁵ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. São Paulo: Papirus, 1986, p. 28.

potencialidades essenciais que sua existência pode realizar parcialmente”⁶. Desse modo, o homem “nada mais é do que a ideia de um indivíduo cuja ‘vida’ desenvolvesse em si a totalidade de tudo que a essência genérica (*universelles Wesen*) contém a título de possibilidade”⁷. Delimitar tais conceitos essenciais é imprescindível na exatidão do processo de interpretação e compreensão do autor:

A) Desse modo, podemos então afirmar que, a racionalidade humana assevera para si a infinitude intelectual e, portanto, confirma que é inata ao homem a capacidade de contemplação, do pensar. Embora, o pensar faça parte da constituição humana, o seu desenvolvimento depende de condições exteriores, fatores determinados que permitam que o homem aprimore sua capacidade intelectual. Evidencia-se com isso que o conhecimento é algo que adquire na medida em que me provenho de maior consciência, de uma maior capacidade crítica de apreensão da realidade e quando disponho, também, dos meios materiais necessários para concretizar essa capacidade.

B) Já a vontade é representada pela força moral que vincula os homens às atitudes morais de valoração da vida a partir de um agir ético, tendo em vista que meus atos são também para outros. Todavia, é a partir dos nossos atos que podemos tornar-nos críticos de nós mesmos, visto que há todo um correlato de determinações que me inflige a tomar, também, decisões determinadas a um espaço-tempo objetivo. Os atos morais devem estar interligados às necessidades humanas, pois, “as leis, a moral, devem corresponder à natureza humana e, para tanto, é necessário que elas tenham sua origem no próprio homem.”⁸ Todavia, os atos individuais devem corresponder não só a adequação e satisfação das minhas necessidades, mas deve visar o outro no sentido de que estes atos não agridam a existência e satisfação pessoal do outro indivíduo. Dentre este aspecto implicamos e relacionamos o efeito do ser ao agir. *Ser é ser algo para si mesmo*, em conformidade com o *eu* individual, enquanto que *agir é ser para outro*, o que implica uma ação moral responsável que vise não apenas o meu bem, mas o bem-comum.

⁶ FURTADO, José Luiz. *Notas sobre o jovem Marx e o conceito feuerbachiano de essência genérica humana*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/jose.htm>. Acesso em: 15 ago. 2011.

⁷ FURTADO, José Luiz. *Notas sobre o jovem Marx e o conceito feuerbachiano de essência genérica humana*. Op. cit., acesso em: 15 ago. 2011.

⁸ HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação: Uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003, p.121.

C) Na excelência da tríade essencial está o sentimento. O amor é o máximo expoente do sentimento e medida do ser, mas também é a medida do valor, pois a verdade e o valor do homem são medidos pelo outro, pelo conteúdo do amado⁹. Consoante a García, observamos que o outro é parte integrante do eu e, mesmo “o que somos, a consciência que temos, se constituiu em nós a partir do outro, e ao morrer, passamos a ser parte constituinte da consciência dos outros, em forma de recordação”¹⁰. O amor é o viés que une os homens e os torna uno no gênero. O amor é o elo que liga o eu ao outro, permeado pela sensibilidade, que dá início a comunicabilidade, numa ação iniciada pela fala e que busca nessa união a felicidade da completude. É assim, dos infinitos modos do viver e do interagir, que se reconhece a irrestrita compatibilidade entre os seres, pronunciada na vertente conceitual do gênero, absoluto humano.

Na sequência de nossa análise da essência genérica humana, visualizamos que é imprescindível a compreensão da relação desta com o indivíduo, visto que esta só se manifesta mediante determinações da individualidade. Desse modo, é importante se questionar em que ponto o conceito genérico de essência se vincula ao eu individual? Como o homem desempenha sua essencialidade? Que fatores estão implicados nessa relação? Contemplamos na relação essência-indivíduo a realização do conteúdo do *ser homem* aplicados à existência particular. A essência inflige no indivíduo uma atuação que abrange múltiplas possibilidades e que se desenvolvem e se evidenciam de acordo com a riqueza dos predicados individuais. Embora as “faculdades absolutas” da essencialidade estejam acima do indivíduo e nele exista de modo que possam parecer limitadas, o homem pode potencializá-las a partir da conquista de um grau cada vez maior de consciência/conhecimento¹¹. Consciência já implica a consciência da infinitude do gênero humano. Portanto, buscar em si a compreensão de si mesmo, buscar no conhecimento e na história do conhecimento compreender o desenvolvimento humano é, grosso modo, buscar ser consciente.

A conscientização é, por sua vez, definida por uma árdua busca que é promovida pelo eu através do outro homem (na comunidade humana), pois o outro multiplica as

⁹ Cf. GARCÍA RÚA, José Luis. *Estudio preliminar*. In: FEUERBACH, Ludwig. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1993, p.29.

¹⁰ *Ibidem*, p.29.

¹¹ Segundo José García a consciência é gênero e o conhecimento é essência, que representa a determinação da consciência, constituindo o ser desta, e esta a morte de todos conhecimentos, mas a consciência, ao perder-se, na relação consciência-conhecimento, transfunde em conhecimento toda a sua infinitude. *Ibidem*, p.24.

possibilidades do ser a partir da união dos seres, já que aquilo do qual sou escasso o outro é rico e, nessa troca eu me benefico das qualidades do outro enquanto que o outro se beneficia também das minhas qualidades, na correlação e nas distinções de uma troca mútua. O homem em sua investigação natural busca semelhanças e disparidades que possam existir entre ele e as coisas, busca o preenchimento do vazio do seu ser individual, busca o sentido da existência em si mesmo e em suas metas¹², podendo, contudo, infligir a si mesmo, numa disparidade com a consciência do seu gênero, um ideal de ser limitado, mas isso é um erro apenas individual. Ora, existir como um ser dotado da faculdade de objetivação me traz a perspectiva de união entre o eu individual e outro homem que possibilita a conscientização. Ao ser consciente, adquire consciência da infinitude de mim mesmo enquanto pertencente ao gênero humano.

Portanto, é na **ação objetiva** que o homem emprega-se em busca de conhecimento. Aqui ele pode desempenhar-se na função simultânea de ser **Eu e Tu** (*Ich und Du*), ele é capaz de sair de si, e ver-se diante de si mesmo, podendo compreender-se dentro do imbricado de relações que o permeia. Ao ser objeto para si mesmo ou apreendendo para si qualquer coisa como objeto, o homem toma consciência de si, pois – como sublinha o filósofo – este não pode confirmar nada sem confirmar a si mesmo. Nessa relação objetiva o homem atribui significados que lhes são pessoais, atribui valor aos objetos dando sentido a eles. O conceito atribuído a determinado objeto revela para o homem uma nova forma de se apreender verdadeiramente dentro de um universo de manifestações. Na relação intersubjetiva, o outro ser que é objeto para o eu confirma a existência deste e, portanto, do nós (Eu e Tu). Desse modo, vemos evidentemente que há uma *necessidade* do outro para além do compreender-se, pois só na comunidade o eu pode existir plenamente.

Ser pleno é existir enquanto corporeidade e se radicar no mundo por meio desta. Essa é a constituição original do homem, pois – de acordo com Feuerbach – um ser sem atributos materiais, sem predicados, que existe só para si no pensamento é um ser falso. E é na essência genérica denominada em si e por si, cujos atributos predicativos referem-se ao homem em geral, a que determina a vida humana em seus mais destoantes modos individuais de ser. Todavia, é ainda no próprio ser/existir (palavras sinônimas para o autor) que verificamos o primeiro estágio para que as qualidades humanas possam se desenvolver, determinadas pelas

¹² Na religião o homem põe o sentido de sua existência em um ser hipostasiado de si e do mundo e, anula-se com isso, pois a realidade, o corpóreo, passa a ser alvo de toda negatividade.

categorias espaço/tempo (que atribui ideia de limitação e necessidade, mas também de conteúdo) que somente o gênero pode transpor.

O homem é um ser determinado enquanto indivíduo, um ser de necessidades, de instintos que o levam a suprir tais necessidades como, por exemplo, o instinto de sobrevivência (autopreservação), o instinto sexual (perpetuação da espécie) e todos esses direcionados ao instinto de felicidade. Como o homem não é um ser isolado, essa felicidade é um bem coletivo e só pode ser encontrada na vida comunitária, nas relações humanas desempenhadas pela função do gênero do pensar e falar. O homem é o único ser cujo limite pode ser superado mediante o outro a partir da ação comunicativa. O homem, ser relacional e conectivo, se objetiva através do outro e eleva-se em um movimento dialógico de autoconhecimento, encontra neste sua própria essência como reflexo de si mesmo, a unidade do ser genérico. Ele se torna consciente de si mesmo e do outro, do mundo do qual ele faz parte e necessita. Feuerbach conclui,

O outro é o meu Tu – mesmo sendo recíproco -, é o meu outro Eu, o homem objeto, o meu interior revelado – o olho que se vê a si mesmo. Somente no outro tenho a consciência da humanidade; somente através dele eu experimento, sinto que sou homem; somente no amor por ele torna-se claro que ele pertence a mim e eu a ele, que ambos não podemos existir um sem o outro, que somente a comunidade faz a humanidade¹³.

Compreender a si mesmo é indispensável para o entendimento do todo e traz as bases fundamentais para o **processo de conscientização**. Tornar o homem consciente é o objetivo principal de Feuerbach, pois ser consciente possibilita ao homem a capacidade de *emancipar-se*, de tornar-se um ser livre de todas as amarras que possam tentar impor-lhe. De acordo com o pensador “consciência é autoconfirmação, autoafirmação, amor-próprio, contentamento com a própria perfeição. Consciência é a marca característica de um ser perfeito; consciência existe somente num ser satisfeito, completo”¹⁴. A consciência é o conhecimento de si enquanto totalidade viva, unidade relacional do Eu e Tu¹⁵.

Contudo, a consciência não é a esfera central e fundamental do pensamento feuerbachiano, esta centralidade é ocupada pelos sentidos. Ela é antes determinada por fatores objetivos designados pela relação sujeito-objeto. Ou seja, a consciência é uma faculdade

¹³FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Op. cit., p.169.

¹⁴ Ibidem, p.39.

¹⁵ Cf. Ibidem, p.91.

intelectual que o homem possui que depende exclusivamente das ações objetivas para o seu desenvolvimento. Muitas vezes confundimos o conceito de consciência e razão em Feuerbach, pois eles são de fato integrados e dependentes um do outro¹⁶.

A ilimitação (ou o absoluto humano) de fato só existe para um ser que está acima do outro. Nesse caso o único ser que está acima do homem é, pelo menos *n'A Essência do Cristianismo*, o gênero humano. Portanto a ilimitação deve ser regida por tudo aquilo que se refere ao gênero, na unidade entre existência e essência, e que se manifesta nos infinitos atributos dos homens individuais. Quando o indivíduo se sente limitado pela natureza e, por isso, não considera o real valor do mundo e da atividade e, a objetivação não ocorre naturalmente pelo viés do Eu/Tu, ele tenta suprir essa carência que o mundo lhe impõe, carência de si mesmo e do outro, alienando sua essência num ser imaginário, irreal. A **alienação**, que deveria ser o sair de si para o reconhecimento da natureza humana no outro/objeto como reflexo do eu, ocorre na religião a partir de uma transposição errônea de si mesmo em um ser transcendental. O homem acaba por definir a legitimidade da existência de um ser ilusório. Transfere para este todas as características que considera positiva, e toda relação que conhece enquanto homem é inserida como construto ideológico. A existência desse ser sobre-humano passa a ser então empreendida na história como fato verídico.

A religião se consolida por meio da dissidência entre a *existência* e a *essência*, entre *sujeito* e *predicado*. No processo da **alienação religiosa** há uma inversão de valores, o homem (sujeito) que cria para si essa imagem transcendente transforma-se em criatura (objeto), tornando-se passivo na atividade que lhe compreende. Para tornar esse ser plenipotente e, assim, assegurar a sua vida diante do efêmero, o homem nega-se, atribuindo seus predicados individuais, elevados ao gênero, a este ser ilusório. Ademais, a alienação religiosa anula as possibilidades do homem se tornar agente do seu próprio destino, impedindo-o de atuar em sociedade, impedindo-o de efetivar os valores humanos na e para a humanidade. A alienação religiosa é um véu jogado sobre os olhos dos homens que assim tornam-se suscetíveis as mais terríveis escravidões. O homem valendo-se de promessas advindas de um fantástico mundo vindouro, a favor da adoração de um ser sobre-humano, retira de si o peso da responsabilidade de sua própria vida, aceitando a anulação e sofrimentos

¹⁶ Todavia, Feuerbach difere dos filósofos que elaboram uma filosofia da consciência, pois, para ele, o mundo material, objetivo, existe independentemente das categorias subjetivas inerentes ao ser humano. A filosofia da consciência fundamenta a identidade entre ser e pensamento que para Feuerbach trata-se apenas da autoconsciência. Além disto, Feuerbach condena a filosofia da identidade que não distingue o eu do tu, as relações imediatas entre os homens.

pregados pelas religiões. Em oposição a esta falsa verdade empregada pela religião, Feuerbach declara “preferir ser um demônio aliado à verdade do que um anjo aliado à mentira”¹⁷.

De acordo com o filósofo, o conteúdo do ser divino é todo humano, seus predicados são predicados da humanidade e também da natureza. Feuerbach os conserva já que negá-los seria negar o próprio homem e, nega apenas a existência da divindade transcendente. Por conseguinte, a negação deste enquanto entidade meta-física é a base que fundamenta o conceito desenvolvido pelo filósofo, o antropoteísmo. O **antropoteísmo** é a crença e amor ao homem por si mesmo, um conceito que Feuerbach elabora quando questionado sobre seu suposto ateísmo. Ele nega Deus, mas não os seus predicados. Ou seja, apenas não nega a verdade das qualidades atribuídas à divindade que, de fato, *in concreto*, são humanas, naturais. Mostra-se com isso que Deus é imaginação e afetividade e que sua divindade só subsiste em seus predicados. Para o filósofo

Um ateu legítimo, i.e., um ateu no sentido vulgar é então aquele para o qual os predicados da essência divina, como, p. ex., o amor, a sabedoria, a justiça, nada significam, mas não aquele para o qual o sujeito desses predicados nada significa. E de forma nenhuma é a negação do sujeito também necessariamente a negação dos predicados em si. Os predicados têm um significado próprio, autônomo; impõem-se ao homem o reconhecimento deles através do seu conteúdo; demonstram-se a ele por si mesmos e imediatamente como verdadeiros; confirmam, testemunham a si mesmos¹⁸.

Podemos compreender em vista da nossa análise que o homem é, pois, para Feuerbach, um corpo dotado de consciência, caracterizado pela capacidade de objetivação que lhe permite o conhecimento do seu gênero, o gênero humano. O homem, possuindo duas vidas: uma interior, que se refere ao gênero e compõe-se da razão, da vontade e do sentimento; e uma vida exterior que diz respeito ao processo de comunicabilidade, à sociabilidade; pode ser dessa forma, ao mesmo tempo, *eu* e *tu*, ele pode ser tanto sujeito quanto objeto, o que lhe proporciona a capacidade de compreender a si mesmo e ao outro.

Para Feuerbach, a sensibilidade surge nesta problemática como aquilo que proporciona a mobilidade à ação objetiva, isto é, à relação *eu* e *tu*. Neste processo de objetivação o homem contempla-se no *outro*, adquirindo a consciência de si enquanto gênero humano e ser da e *na*

¹⁷ FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Op. cit., p.10.

¹⁸ Ibidem, p.52.

natureza. No indivíduo, entretanto, é a sua essência que o determina e domina: “o homem nada é sem ela, ele só é através dela”.¹⁹ Por isso o objeto torna-se essencial para a conscientização do homem, pois “o objeto com o qual o sujeito se relaciona é a essência própria, objetiva deste sujeito”²⁰. Todavia, a autoconsciência só ocorre quando o homem se objetiva no outro, assim o conhecimento que ele terá sobre o outro refletirá a si mesmo.

Feuerbach mostra que somente negando essa negação que a teologia cristã faz do homem, de sua sensibilidade e da natureza, é que conseguiremos nos objetivar no outro e encontrar nele o conhecimento de nossa essência verdadeira. Portanto, com a consciência de si mesmo enquanto gênero humano e da natureza em geral, podemos fazer da libertação dessa alienação religiosa uma auto-confirmação de si e das potencialidades no interior da natureza, da realidade.

O homem como um ser em relação e emancipação

A crítica de Feuerbach à religião consiste, além da emancipação da alienação religiosa, na denuncia do valoramento do subjetivismo exacerbado, também na negação do individualismo do eu solipsista que torna impraticável a concretização do *nós*. O filósofo não quer com isto extrair o *eu* como modo de ser do homem, o homem é também individualidade, e esta não deve ser nem negligenciada, nem negada. O autor tenta esclarecer sua posição sobre a relação indivíduo-gênero no texto *Sobre A essência do cristianismo em relação com O Único e a sua propriedade de Stirner* (1845)²¹, no qual ele toma uma posição de análise de si mesmo frente às acusações de Stirner em relação ao estatuto gênero-indivíduo.

A diferença entre o indivíduo e o gênero é uma diferença necessária e dependente. Necessária porque o eu difere do tu individualmente e, no gênero, enquanto homem e mulher; e dependente porque só assim o homem toma conhecimento de si enquanto realização de uma completude existente que é permeada pelo *tu*. *Eu* e *Tu* é uma distinção entre indivíduos

¹⁹ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.45.

²⁰ *Ibidem*, p.37.

²¹ SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Apresentação*. In: FEUERBACH, Ludwig. *Filosofia da sensibilidade – Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005, p.27: “O texto de Feuerbach deve ser enquadrado no debate iniciado por Stirner em *O Único e sua Propriedade (Der Einzige und sein Eigentum)*, publicado no final de 1844, com a data de 1845. Nesta exaltada apoteose do indivíduo como única realidade existente, Stirner rejeitava como abstrata toda e qualquer forma de pensamento, teológico, filosófico ou político, que recorresse à generalidade e à universalidade, no seio das quais a individualidade do indivíduo era totalmente diluída”.

particulares, distinção que é, também, reconhecimento da existência do outro. Distinção difere explicitamente de cisão. Esta é isolamento, um corte profundo entre os seres. Distinguir integra-se irremediavelmente ao entendimento do que é ser humano, não só entre os sexos masculino e feminino, como, também, em qualquer relação substancial que façamos de algum objeto ao tomarmos por referencial algo fora de nós. Esse referencial no humano é os sentidos. É a partir dos sentidos que obtemos a base daquilo que iremos apreender intelectualmente.

A originalidade do projeto antropológico de Feuerbach se manifesta na concepção de homem como individualidade sensível, visto dentro de uma comunidade em contínua relação consigo mesmo e, também, com esta comunidade que o preserva e o confirma. O autor, portanto, caracteriza o homem como um ser de relações, pois ele está unido e relacionado a uma comunidade como sendo portadora de sua essência, ou seja, ele não pensa o homem isolado do meio (tanto natural, quanto social), pois acredita que o homem isolado é incapaz de atingir a sua plenitude e emancipação. Para ele, o homem é um ser de relações determinado pelas condições naturais, mas que diante do outro se torna pleno e consciente de suas inúmeras possibilidades enquanto gênero humano.

Só o gênero é livre. Também seremos livres se adquirirmos consciência dele. Seremos plenos, completos; mas apenas como possibilidade, pois somente a essencialidade do gênero humano (razão, vontade e sentimento) é perfeita, infinita, eterna. Portanto, todos os homens unidos e conscientes uns dos outros, conscientes da natureza, da sensibilidade na apreensão da realidade, na completude intelectual e da materialidade, é a perfeição, o homem completo.

Como vimos, para Feuerbach, não há no homem uma separação entre homem natural e homem social. A natureza humana é social, necessariamente social, pois, para chegar-se ao nível da consciência do gênero, é necessário expandir-se no processo de comunicabilidade, permeado pelo outro, caracterizando a existência do fenômeno social, na busca pelo ser inteiro. Assim, a essência do homem está contida na comunidade, na união do homem com o homem fundada a partir da distinção do eu com o tu, e não no individualismo religioso que só promove o valor absoluto do *eu*. Ainda que unido somente a um, o homem tem uma vida comunitária, humana. Acreditamos que, assim como afirma Hahn,

O humanismo feuerbachiano consiste em ajudar o homem a encontrar seu lugar na vida e também nela estimular o desejo de dedicar seus esforços diretamente à

humanidade, de sorte que sua vida, plena de riquezas espirituais, se torne uma felicidade terrena, e não um mero preparativo para a recompensa no outro mundo. Feuerbach propõe o amor ativo pelo ser humano e a incompatibilidade com as ilusões, mitos e ideias que o impedem de viver uma vida revestida de significação social. Pois a necessidade de fazer o bem aos outros e de não pensar apenas em seus próprios interesses exige a emancipação da consciência do homem, que impõe a necessidade de libertá-lo de muitas ilusões e superstições acerca da sociedade justificada teologicamente.²²

A comunicabilidade, ou do mesmo modo, a sociabilidade, promove a possibilidade de objetivação. Desta forma, o conhecimento de si mesmo e da natureza sensível define o homem enquanto ‘corpo consciente’, ou seja, para Feuerbach, *o homem é um ser social dotado de um corpo consciente*. Determinado por sua essência e pela natureza e, também, diante do outro, o homem se torna pleno, elevado a inúmeras possibilidades e, pela sensibilidade, efetiva-se no mundo, na ação comunitária, no Estado. Todavia, Feuerbach não nos mostra que o indivíduo deve ser negativado, mas, ocorre o oposto. O autor revela que o indivíduo humano é dotado de uma capacidade real que o eleva ao seu próprio princípio essencial genérico, esta capacidade é a sensibilidade. A religião oculta ou mesmo nega esta potencialidade individual, impedindo o homem de integralizar-se ao todo material, impedindo-os de aprender “o ser absoluto como ser sensível, o ser sensível como ser absoluto”²³.

Desse modo, o autor salienta que são os sentidos que nos proporcionam a essência das coisas, atribuindo ao conhecimento o grau de completude inerente à apreensão da realidade, pois nenhum pensamento ocorre fora de um corpo sensível, ou seja, o pensamento se verifica por intervenção da sensibilidade, de maneira tal que, de acordo com Feuerbach, verdade, realidade e sensibilidade são consideradas idênticas. A sensibilidade é, assim, *o viés que dá mobilidade à ação objetiva, estabelecendo a unidade entre atividade teórica e prática*. A *Sinnlichkeit* abrange não apenas a sensorialidade, mas, também, a sensibilidade referente ao princípio do sensualismo feuerbachiano que abarca a totalidade humana, o sentimento. O homem existe como corpo e a partir de sua funcionalidade, por meio dos sentidos, estabelece, com a realidade material e humana, uma relação receptiva e dinâmica entre passividade e atividade.

²² HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação – Uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. Op. cit., p.77.

²³ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.173.

Todavia, os sentidos não é somente o que permeia todo o mundo exterior, mas é além e acima disso o que define o homem, o indivíduo. Assim, explica Feuerbach,

O único livro em que a palavra-chave dos tempos modernos, a personalidade, a individualidade, deixou de ser uma *oca flor de retórica* é justamente *A essência do cristianismo*, pois apenas a *negação* de Deus (do ser abstrato, infinito, como sendo o ser verdadeiro) é a *posição do indivíduo*, e apenas a *sensibilidade* o *sentido* adequado da *individualidade*²⁴.

Feuerbach entende o homem como indivíduo ativo. Ele defende o homem total, razão e sensibilidade, consciente de seu papel social enquanto gênero humano. Assim, a atividade humana se desenvolve através de inúmeras possibilidades evidenciando a atuação do homem como co-operador ativo do mundo e consciente de suas determinações. O homem, unido a uma comunidade, se torna passível ao engrandecimento da essencialidade genérica humana, libertando-se, pois, do sentimento de limitação que aniquila suas potencialidades. O autor afirma que não devemos dar ao indivíduo menos do que lhe é devido, mas também não mais, “só assim te libertarás das cadeias do cristianismo. Ser indivíduo significa decerto ser “egoísta”, mas significa também ao mesmo tempo, e *nolens volens*, ser *comunista*”²⁵.

A designação do homem comunista por Feuerbach mostra a superação da doutrina da subjetividade e tenta, ao banir a religião, fundar uma ética guiada pelos moldes do bem viver em sociedade, no bem-comum. E a partir disso converte a ética em religião, na qual “o bom é o que é adequado, conforme ao homem; mau, reprovável, o que o contradiz”.²⁶ Feuerbach almeja em suas reflexões determinar a integralidade das funções humanas dentro das determinações da realidade, para isso foi necessário condenar a teologia cristã uma vez que, no seu cerne, há uma desvalorização do ser humano, uma negação de sua liberdade, uma expropriação de seu ser essencial. Feuerbach traz para o mundo sensível a transcendentalização divina que a religião faz do homem. É uma transposição do infinito para o finito, uma redução de Deus ao homem.

A religião é a negativização do homem tanto quanto indivíduo como quanto gênero, pois apreende para si os desejos do eu singular e os absolutiza, impedindo o homem de superar, através da sensibilidade, sua limitação individual no outro ser humano. O homem que

²⁴ FEUERBACH, Ludwig. *Sobre a essência do cristianismo em relação com O único e sua propriedade de Stirner*. In: *Filosofia da sensibilidade – Escritos (1839-1846)*. Op. cit., p.177.

²⁵ *Ibidem*, p.177.

²⁶ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.181.

acredita na verdade dos sentidos é um homem completo, pois possui todas as ferramentas para ultrapassar a solidão do *eu egoísta* e afirma-se na comunidade humana. Desse modo o filósofo explica que “quem não coloca o gênero no lugar da divindade, deixa o indivíduo um vazio que se voltará necessariamente a preencher com a representação de um Deus, isto é, da essência personificada do gênero, só o gênero está em condições de suprimir e, ao mesmo tempo, de substituir a divindade, a religião”²⁷.

Desse modo a relação homem-homem é o viés para a relação homem-sociedade. É partir da relação com os outros homens que o *eu* se constitui, se faz e se realiza. Esse fazer-se só pode acontecer através do exercício teórico-prático do pensamento, sucedido pela relação *eu-tu*. Segundo José Garcia,

O outro, para Feuerbach, cumpre assim o papel que o intelecto agente joga na gnosiologia aristotélica. Desta maneira, a sociedade é o meio irrecusável para a produção e o desenvolvimento do pensamento, porque “não por si mesmo, mas por aquela razão que está presente, que se manifesta como comunidade e associação de vida, ascende o homem a razão que pensa”²⁸.

O outro é condição para que o homem alcance consciência do universo e de si mesmo. O outro é visto como o outro eu, a partir do qual e no qual o eu se reconhece. A comunidade representa a chave da essência humana, isto é, o outro é condição necessária da minha existência enquanto ser consciente de mim mesmo e, também, portanto, possui a chave da minha emancipação. A filosofia feuerbachiana parte do pressuposto que é mostrar que: é a interdependência entre os homens que lhes permite se tornarem homens, está interdependência se manifesta em Feuerbach apenas pelo âmbito das relações afetivas e do conhecimento, sendo desprezada a reflexão sobre a interatividade humana. A emancipação para Feuerbach é a ultrapassagem da auto-alienação, que surge como resultado da ação desmistificadora da consciência que só é possível, portanto, através do outro²⁹.

²⁷ FEUERBACH, Ludwig. *Sobre a essência do cristianismo em relação com O único e sua propriedade de Stirner*. In: *Filosofia da sensibilidade – Escritos (1839-1846)*. Op. cit., p.177.

²⁸ GARCÍA RÚA, José Luis. *Estudio Preliminar*. Op. cit., p.33.

²⁹ Cf. HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação: Uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. Op. cit., p.85.

BIBLIOGRAFIA

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Preleções sobre a essência da religião*. São Paulo: Papyrus, 1986.

_____. *Sobre a essência do cristianismo em relação com O único e sua propriedade de Stirner*. In: *Filosofia da sensibilidade – Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

FURTADO, José Luiz. Notas sobre o jovem Marx e o conceito feuerbachiano de essência genérica humana. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/jose.htm>. Acesso em: 15 ago. 2011.

HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação: Uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

GARCÍA RÚA, José Luis. *Estudio preliminar*. In: FEUERBACH, Ludwig. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Apresentação*. In: FEUERBACH, Ludwig. *Filosofia da sensibilidade – Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.